



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARIA LUCINE ROCHA TAVARES

**A GEOGRAFIA ESCOLAR NO ÂMBITO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID), NA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR CRISPIM COELHO,
MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB**

CAJAZEIRAS

2017

MARIA LUCINE ROCHA TAVARES

**A GEOGRAFIA ESCOLAR NO ÂMBITO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID), NA ESCOLA ESTADUAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR CRISPIM COELHO,
MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB, como requisito à obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Geografia.

Professora orientadora: Dr^a. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

T231g Tavares, Maria Lucine Rocha.

A geografia escolar no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, município de Cajazeiras-PB / Maria Lucine Rocha Tavares. - Cajazeiras, 2017.

57f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo.

MARIA LUCINE ROCHA TAVARES

**A GEOGRAFIA ESCOLAR NO ÂMBITO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID), NA ESCOLA ESTADUAL
DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR CRISPIM COELHO,
MUNICIPIO DE CAJAZEIRAS-PB**

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Cícera Cecília Esmeraldo Alves
(UNAGEO/CFP/UFCG - Orientadora)

Professora Dr^a. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
(UNAGEO/CFP/UFCG – Examinadora Interna)

Professora Ms. Maria da Glória Vieira Anselmo
(UNAGEO/CFP/UFCG - Examinadora Interna)

CAJAZEIRAS – PB

2017

Aos grandes presentes de Deus pra minha vida, papai, Eduardo e Ricardo, por estarem comigo em todos os momentos da minha história, é por vocês tudo o que faço.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo-Poderoso, que em Sua infinita bondade, guiou os meus passos e iluminou minha mente, mostrando que nos piores momentos da minha vida, Ele esteve presente me encorajando e deixando bem claro que existia saída para todos os meus problemas. Pela Sua misericórdia, consegui trilhar o caminho acadêmico, em especial, o desse curso tão lindo, que é o de Geografia. A Deus, toda honra e toda glória!

Aos meus pais, Olavo Leite Tavares (Seu Valdo) e Maria Lucia Rocha Tavares (*in memoriam*), dos quais recebi os princípios básicos da boa educação e que sempre procuraram dar o melhor de si. Ele, um homem lutador, o melhor pai; ela, uma guerreira, que mesmo adoentada, soube ser uma mãe maravilhosa.

A dona Ivone, que foi como uma mãe pra mim, me aconselhando e ajudando a seguir o caminho do bem. Obrigada pelo carinho e cuidado dirigidos a mim e ao meu filho.

Ao meu filho amado, Eduardo, pelo qual tenho enfrentado a dureza da vida e por piores que sejam as feridas, a dor de todas é aliviada quando vejo que foi por você, filho. Obrigada pela paciência de me esperar esses anos todos que estive na universidade, era o único tempo que tínhamos, juntos e, tive que abrir mão dele, pensando em um futuro para você.

Ao meu querido companheiro, Ricardo. Que tem me apoiado muito, com palavras de incentivo, nesse tempo em que estamos juntos. Obrigada pela paciência, cuidado e amor que você tem me dado. Deus abençoe nossa união sempre.

Ao meu irmão, Leone, que me ajudou muitas vezes com a responsabilidade de criar um filho sozinha.

A minha patroa, amiga e agora cunhada, Cris. Que foi uma das maiores incentivadoras para que eu estudasse e que sempre acreditou no meu potencial. Obrigada por ser compreensiva todas as vezes que tive que me ausentar do trabalho, para ir às inúmeras atividades acadêmicas.

A minha querida turma 2011.1, principalmente aos guerreiros que permaneceram até o fim, como Clenilda, amiga de todas as horas, sabedora de cada batalha que enfrentei. Joana, que com seu carisma e meiguice, soube adoçar meus dias amargos. A Micaela, por ser tão fiel. A Auxy, Lígia, Jalisson, Cleilton, Mismana, Claudivânia, Maglândio, Pierre e Wesk, pela beleza da companhia e a alegria de estar ao lado de cada um de vocês nesses longos anos, enfrentamos muitas coisas juntos, inclusive três greves.

A todos da primeira turma do PIBID, subprojeto de Geografia, os quais foram muito importantes para o meu desenvolvimento profissional, foram anos produtivos e de muito aprendizado ao lado de todos. No PIBID fui Bolsista de Iniciação à Docência entre os meses de Março de 2014 a Maio de 2016 e a partir dele tive a oportunidade de me enxergar como professora no momento em que pude vivenciar o contexto escolar.

A minha orientadora Professora Dr^a. Cícera Cecília Esmeraldo Alves, que teve toda paciência do mundo comigo e sempre teve uma mão amiga estendida para mim, principalmente na última fase da construção desse trabalho, onde vários problemas pessoais quiseram me fazer desistir.

À Professora Dr^a. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, por apostar em mim e carinhosamente me chamar de estrela, o que sempre me deu a entender que eu tinha um brilho especial.

Ao Professor Dr. Josué Pereira da Silva por ter acreditado e incentivado para a produção de trabalhos científicos.

Ao Professor Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira, que me acompanhou e também acreditou em mim, sendo um dos maiores incentivadores para que eu fizesse a seleção para o PIBID do qual fui bolsista.

À Professora Bernadete Alves, da Escola Crispim Coelho e a referida escola, que receberam tão bem a cada um dos Bolsistas de Iniciação à Docência (ID).

A Professora Ms. Glória Maria Vieira Anselmo, por aceitar fazer parte da banca, juntamente com a Professora Dra Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, contribuindo para a finalização desse trabalho.

A minha querida professora e amiga Micaelle Amâncio da Silva, que sempre foi gentil e acessível.

A todos os Professores e Professoras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no âmbito do Centro de Formação de Professores (CFP), os quais colaboraram durante a minha passagem pela Academia.

Por fim, aos monitores que encontrei pelo caminho, David, que foi um anjo em meus primeiros passos, Maxsuela, Gizélia e Romário, a vocês o meu muito obrigado e desculpaspor ter perturbado tanto.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre as contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho. Para que o nosso objetivo fosse alcançado, recorreremos a pesquisas bibliográficas, bem como a metodologias desenvolvidas para a escola, após a aplicação de um questionário pré-elaborado pelo então coordenador de área Ms. Aldo Oliveira, que nos designou a aplicá-los nos alunos das turmas do 8º e 9º ano B do ensino fundamental, turno da tarde e na comunidade ao entorno da escola. A aplicação desses questionários teve duração de dois dias e a partir do diagnóstico feito posteriormente as respostas fomentadas nos questionários, elaboramos metodologias que viessem a contribuir para um aprendizado satisfatório no ensino de Geografia, tais como o uso da música, de filmes, maquetes e cartazes, que resultaram em ações elencadas para melhoria no aprendizado dos alunos, construindo os saberes e ampliando a participação destes durante a ministração das aulas. Nossa participação ocorreu entre os meses de Março de 2014 a Maio de 2016, período em que fizemos parte do projeto, na referida escola, lograda no município de Cajazeiras, mesorregião do sertão da Paraíba.

Palavras-chave: Geografia Escolar - PIBID - Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

The present work is about the contributions of the Institutional Program of Initiation to Teaching Grant (PIBID) for the quality of the teaching and learning process in the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio professor Crispim. In order to achieve our goal, we used bibliographical research as well as methodologies developed for the school, after the application of a questionnaire pre-elaborated by the then area coordinator Ms. Aldo Oliveira, who assigned us to apply them in the students Of the classes of 8th and 9th grade B elementary school, afternoon shift and in the community around the school. The application of these questionnaires lasted two days and from the diagnosis made later the responses fomented in the questionnaires, we elaborated methodologies that would contribute to a satisfactory learning in the teaching of Geography, such as the use of music, films, models and posters , Which resulted in actions aimed at improving students' learning, building the knowledge and increasing their participation during the lessons administration. Our participation took place between the months of March 2014 and May 2016, during which time we were part of the project, in the said school, located in the municipality of Cajazeiras, mesoregion of the sertão of Paraíba.

Keywords: Geography - PIBID - Supervised Internship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB- Associação dos Geógrafos Brasileiros.

ANPUH- Associação Nacional de História.

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CFP- Centro de Formação de Professores.

CPT- Comissão Pastoral da Terra.

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio.

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

FUNDEF- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

ID- Iniciação à Docência.

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

IES- Instituições de Ensino Superior.

INL- Instituto Nacional do Livro.

LD- Livro Didático.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC- Ministério da Educação e Cultura.

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais.

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático.

ProEMI- Programa Ensino Médio Inovador.

ProUNI- Programa Universidade para Todos.

SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SENAC- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

UFMG- Universidade Federal de Campina Grande.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Exibição do filme Bicho de Sete Cabeças.....	39
Imagem 02 - Palestra promovida pelos bolsistas do subprojeto de geografia.....	40
Imagem 03 - Aula de campo junto a construção do canal da obra da transposição	41
Imagem 04 - Confeção das maquetes representando os Espaços Rural e Urbano.....	42
Imagem 05 - Materiais reciclados para ornamentação da escola.	43
Imagem 06 - Apresentação de slides com imagens do mosquito Aedes Aegypti.	44
Imagem 07 - Cartazes elaborados para a ação.....	45

INTRODUÇÃO	13
1 – A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM GEOGRAFIA, A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E A GEOGRAFIA ESCOLAR	15
1.1 – A Formação Docente no Brasil e a Geografia Escolar	15
1.2 – A Ciência Geográfica e a Formação Docente	18
1.3 - Políticas de Formação Docente no Brasil	21
2 – O PIBID E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	26
2.1 – O PIBID na Formação de Professores	26
2.2 – O PIBID no Centro de Formação de Professores	33
3 – A IMPORTÂNCIA DO PIBID NAS AÇÕES DA ESCOLA CRISPIM COELHO	38
3.1 – As Ações Desenvolvidas pelo Subprojeto Geografia	38
3.2 - CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A ESCOLA, PARA A FORMAÇÃO DISCENTE E PARA O SUPERVISOR	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	53

INTRODUÇÃO

Diante de tantas mudanças ocorridas na educação, principalmente nas últimas décadas, as práticas de ensino em Geografia permanecem enfrentando uma série de desafios para que se concretize uma aprendizagem significativa. O trabalho visou enfatizar a importância do processo de formação continuada firmada pelo Programa para o subprojeto de Geografia que é de levar a universidade à escola e a escola até a universidade. Desde sua implantação no ano de 2014, no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, o subprojeto de Geografia procurou elaborar aulas dinâmicas em sua área de atuação, nas escolas Crispim Coelho e Cecília Meireles, com o objetivo de provocar mudanças nas práticas educacionais e elevar o IDEB dessas instituições de ensino.

Este trabalho tem como enfoque central o Programa de Incentivo a Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID). Pretendemos apresentar as contribuições do PIBID no período de 2014 a 2016, mediante nossa participação no Programa como Bolsistas de Iniciação à Docência (ID). Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A geografia escolar no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Estadual de Ensino Fundamental Médio Professor Crispim Coelho; mais conhecida como Colégio Estadual, localizada na cidade de Cajazeiras, mesorregião do alto Sertão Paraibano.

A pesquisa teve seu início a partir da nossa inclusão no projeto de geografia do PIBID, em março de 2014, até maio de 2016, turma pioneira do subprojeto de Geografia do CFP/UFCG, Campus II, Cajazeiras-PB e nos sentimos na responsabilidade de darmos nossa contribuição para as turmas posteriores, bem como fazer valer o trabalho ao qual fomos incumbidos de realizar. Aqui, buscamos focar a importância desse valioso Programa e subprojeto de Geografia para a formação inicial e continuada de profissionais de Geografia, além das colaborações oferecidas aos alunos da rede pública que foram assistidos pelo PIBID.

Encontra-se estruturado em três capítulos, além da introdução e considerações. O primeiro capítulo está direcionado a ciência geográfica, seu surgimento e sua configuração no decorrer dos anos, a lei 5.692/71 que aboliu a Geografia do currículo e as lutas travadas por centenas de profissionais, em plena Ditadura Militar, pelo retorno da disciplina ao currículo escolar.

No segundo capítulo falaremos a respeito do estágio supervisionado e suas contribuições para o futuro professor, da Lei de Diretrizes e Base da educação, do livro

didático, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC) e da criação do PIBID.

No terceiro capítulo, apresentamos algumas contribuições do PIBID para a formação inicial e continuada, e como se deu o desenvolvimento do programa por meio das ações elaboradas para cada trimestre, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Crispim Coelho.

Investigamos quais as contribuições do PIBID para o ensino de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho. Tivemos como procedimentos metodológicos para a condução desse trabalho, pesquisas bibliográficas, utilizando-se de leituras de livros, artigos científicos em sites confiáveis como o Scielo e o portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal), teses e dissertações, que tratam sobre o PIBID no processo de ensino e aprendizagem, a fim de realizar uma maior e melhor construção e sistematização dos conhecimentos para a fundamentação do tema em estudo.

Buscando analisar o objetivo principal deste trabalho que é entender como o PIBID influenciou no ensino da Geografia escolar, dentro da escola Crispim Coelho, procuramos avaliar os elementos que constituem a instituição escolar, tais como o corpo docente, gestão escolar e pedagógica, alunos e comunidade, desenvolvendo através do método dialético, “[...] que fornece os fundamentos para fazermos um estudo em profundidade, visto que o método dialético requer o estudo da realidade em seu movimento, analisando as partes em constante relação com a totalidade” (OLIVEIRA, 2010, p.53). Desse modo, foi pensada a elaboração de questionários que nos auxiliassem a construir um perfil socioeconômico-cultural, para que nos fosse possível elencar os seguintes objetivos específicos:

- * Abordar sucintamente a respeito da trajetória da ciência geográfica;
- * Verificar como o estágio supervisionado pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem;
- * Apresentar as ações constituídas e efetivadas pela equipe que compôs o PIBID Crispim Coelho no período de março de 2014 a maio de 2016.

O programa foi implantado no ano de 2014, no campus da UFCG, Cajazeiras-PB, pelo então coordenador de área, o professor Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira, posteriormente substituído pela professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves em detrimento do afastamento do ex coordenador para doutoramento.

1 – A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM GEOGRAFIA, A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E A GEOGRAFIA ESCOLAR

Nesse capítulo iremos refletir sobre a origem do ensino superior no país, discorrendo sobre as políticas públicas de formação de professores no Brasil, refletindo sobre a origem do ensino superior no país, as principais reformas educacionais ao longo do decorrer do tempo histórico e o papel dado à Geografia em cada uma dessas reformas. Nas discussões seguintes buscamos entender acerca da formação dos professores em Geografia, bem como a maneira pela qual essa disciplina tem sido ensinada do decorrer dos anos, estabelecendo uma série de anseios com relação a referida disciplina. Sabemos que a dificuldade dos professores em fazer da sua aula algo que envolva os alunos acarreta um descontrole no processo de ensino e aprendizagem, por isso, o PIBID traz para a sala de aula práticas que muitas vezes são esquecidas pelos professores, bem como novas metodologias adquiridas durante a graduação e até mesmo em leituras de diversos artigos durante as reuniões com nossos coordenadores.

1.1 – A Formação Docente no Brasil e a Geografia Escolar

Quanto maior o país, maiores serão os desafios, nesse contexto, a educação superior no Brasil foi permeada por diversos percalços. Depois da vinda definitiva da família real para o Brasil no século XIX é que foram implantados os primeiros cursos superiores nas áreas de Engenharia, Medicina e Direito, todas de ensino privado, as universidades públicas só surgiram entre os anos de 1920 a 1950. A formação docente no nosso país está embasada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que regulamenta a estrutura e o funcionamento da educação pública e privada do Brasil. O cenário brasileiro possui enormes desafios educacionais e vêm motivando a mobilização da sociedade civil, a realização de estudos e pesquisas e a implementação estadual e municipal, de políticas educacionais orientadas por esse debate social e acadêmico visando a melhoria da educação básica.

Nas últimas décadas os debates sobre ensino e aprendizagem no Brasil tem sido constantes, a educação tem passado por mudanças, muitas delas, significativas. Especificamente sobre o ensino de Geografia, sabemos que as aulas dessa disciplina têm como proposta, levar o aluno a compreender as constantes mudanças ocorridas no espaço, oriundas da interação homem-meio e contemplá-las com uma visão crítica, tendo como consequência, reflexões acerca dessas mudanças. Para tanto, os conteúdos abordados em sala de aula devem partir da realidade de vida dos próprios educandos, facilitando no aprendizado.

Os avanços tecnológicos estão a todo vapor, a sociedade atualmente vive conectada na internet e é fundamental que o profissional da área de educação esteja preparado para lidar com novos contextos, seja detentor desses meios e saiba utilizá-los como aliados no campo de trabalho: a sala de aula.

Vivemos numa sociedade marcada pelo surgimento de novos recursos tecnológicos e informacionais, os quais devem ser concebidos pelo docente como aliados no processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, é importante para o educador, buscar e adequar recursos que o auxiliem na dinamização das aulas ministradas e socialização dos conteúdos geográficos com a vida dos educandos, pois para Callai (2000, p. 93), “[...] é fundamental que se considere que aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo”.

Observamos que a Geografia enquanto disciplina escolar tem percorrido durante décadas, o caminho da transposição didática, herança de uma educação, onde os atuais professores, não de forma generalizada, atuam reproduzindo fielmente tudo o que aprenderam em seus tempos de escola e/ou universidade. Os frutos dessa educação, mesmo apoderados de transformações, têm em sua genealogia, componentes descritivos, arraigados de tempos pretéritos, heranças carregadas da falta de desejo do novo, pelo fato de que transpor conteúdos se torna bem mais prático (mesmo que não ocorra de maneira eficaz), do que o planejamento ou até de uma aproximação dos conteúdos com a realidade, na execução da aula.

A Geografia que precisa ser ensinada deve ser aquela interdisciplinar e ao mesmo tempo disciplinarizada, conceituada com ações cotidianas, tendo como princípio básico, as relações homem-meio e homem-sociedade, evidenciando que não estamos apenas ocupando um espaço, sem transformá-lo. É sobre esse sistema descontextualizado que Araújo Júnior (2009, p. 09) faz a seguinte abordagem:

A tradição do ensino de geografia – particularmente no Ensino Fundamental e Médio – indica um forte viés descritivo, principalmente do meio físico. Ora, na medida em que há um discurso e prática da observação e descrição dos lugares, retira-se a conotação política da prática pedagógica e na relação ensino-aprendizagem. Em outras palavras, significa uma despolitização das relações sociais que permeiam a sociedade e como esta se organiza para manter sua existência.

Acerca das categorias da ciência geográfica e com base nos questionários aplicados nas turmas do 8º e 9º ano B do ensino fundamental da Escola Crispim Coelho, pudemos perceber algumas dificuldades dos alunos, sobretudo, no que se refere ao objeto de estudo da

Geografia. Grande parte afirmou gostar da disciplina, mas tornou-se visível, que estes sujeitos não tinham uma concepção formada acerca do conhecimento geográfico, pois não souberam descrever qual seria o objeto de estudo da geografia. Sendo assim, os que responderam, não estabeleceram justificativas quanto às suas respostas. Portanto, o que se vê neste contexto, é que o ensino de geografia está sendo ineficiente no que se trata a aprendizagem destes sujeitos.

Em particular, os assuntos relacionados à Geografia, ainda apresentados como algo distante da realidade dos alunos, com textos densos e nomenclaturas diversas e indecoráveis, favorecem o desinteresse do alunado, de forma que essa disciplina, para eles, apresenta-se desconectada de seu contexto social. A falta de diálogo entre o cotidiano e o que se ensina, reflete no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, achamos oportuno, abordá-lo de maneira prática, viabilizando sua autenticidade ao problematizar e criar situações onde esse alunado pudesse compreender, afinal, o Espaço Geográfico como um palco onde atuam além dos elementos naturais, outros elementos como a cultura, a sociedade, a religiosidade, a política, as ideologias, a economia e tantos outros processos que o compõe e estão intrínsecos a humanidade.

De acordo com Andrade (1998, p.18), é o “espaço produzido pelo homem ao intervir no meio natural, adaptando-o à sua exploração, à utilização dos seus recursos, segundo as formas institucionais e as disponibilidades culturais técnicas e econômicas de que dispõe”. Dessa maneira, a produção do espaço geográfico considera a importância do homem como modificador do meio, moldando-o para atingir suas necessidades. Milton Santos (1997), geógrafo de grande importância para a geografia brasileira, destaca o conceito de espaço geográfico da seguinte maneira:

[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina.

Isso explica os processos histórico-culturais que foram e estão sendo construídos até então. Com o advento das novas tecnologias, onde o natural é substituído pelo artificial, portanto, sendo o meio adaptado às necessidades de consumo, sem a menor preocupação com a exploração dos recursos da natureza. Posteriormente, Milton Santos também vai se referir a

esta mesma categoria, afirmando que "o espaço é acumulação desigual de tempos", dessa forma, compreendemos o espaço como herança, considerando as transformações naturais e humanas que foram produzidas anteriormente, bem como as que estão em constante atividade temporal. Portanto, as formas espaciais que podemos enxergar, é o resultado das relações do homem com o meio natural.

1.2 – A Ciência Geográfica e a Formação Docente

Desde sua formação, o planeta Terra vem passando por várias mudanças que necessitam e necessitam de observações, toda essa dinâmica no espaço terrestre permite que diversas análises sejam feitas. As primeiras civilizações nos deixaram entre tantas heranças, a arte de nos adaptarmos e nos organizarmos principalmente de acordo com as mudanças climáticas e os fenômenos da natureza, no espaço terrestre. A necessidade de se localizar e de realizar estudos em consonância com essas mudanças, exigiu da relação do homem com o meio, o desenvolvimento de técnicas que o auxiliasse em diversos aspectos. A Geografia, até o século XVIII, tinha como finalidade apenas descrever roteiros de viagens, desenhar caminhos percorridos, não havia sistematização do saber geográfico.

A ciência geográfica tem seu início no bojo das peregrinações no ocidente, de caráter descritivo, e se expandiu com o início das grandes navegações, quando foram produzidas as primeiras cartas dos viajantes. De acordo com Pontuschka et.al (2009, p.39-40):

Houve, nos últimos 3 mil anos, extraordinário acúmulo de conhecimentos geográficos, de origem empírica ou científica, que se desenvolveram desde as primeiras cartas e descrições produzidas na China. No entanto, o conhecimento geográfico foi significativamente ampliado com as grandes descobertas marítimas, e a institucionalização da Geografia, no chamado mundo ocidental, somente ocorreu com as expedições científicas pela África, América e Ásia sob o respaldo das associações e das academias europeias, que sistematizaram as informações coletadas pelos cientistas em suas viagens pelo mundo.

Mesmo com esse aparato de informações, a constituição da geografia como ciência ainda estava longe de acontecer, pois ora servia de subsídio para a História, ora embasava as relações entre homem e natureza sob pena da corrente do determinismo geográfico, na Alemanha, que posteriormente entrou em divergência com outra corrente do pensamento geográfico, o possibilismo, na França, ainda no século XVIII. Foi no início do século XIX que a Geografia começou a ter sua identidade própria, é o que enfatiza Lacoste (1988), apud Pinheiro e Santos et al., ao afirmar que:

As primeiras manifestações, no sentido de uma Geografia sistematizada, aparecem nos escritos de Alexander von Humboldt e Carl Ritter. O primeiro entende Geografia como uma síntese dos conhecimentos relativos à Terra e propõe a intuição com suporte na observação – o empirismo racionado; o outro compreende que a Geografia deveria estudar os “sistemas naturais” individuais e compará-los, na perspectiva do estudo dos lugares.

Dessa forma, nos deparamos com a Geografia Tradicional, que relaciona o homem com a natureza, apenas na observância e descrição de lugares, mas que exclui as questões sociais; e a Moderna, que integra a Geografia no ramo das ciências sociais. Esta última, subdividida em Geografia Pragmática e Crítica, esteve arraigada ao sistema capitalista, fundamentado por Karl Marx, que na busca de explicar as relações homem-meio, defendia que o meio era modificado pelo homem em função do capital, desconsiderando os prejuízos a própria natureza e ao meio social. Ressaltamos aqui, que a ciência geográfica foi se transformando, à partir das necessidades de cada época, desse modo, isso explica suas divergentes correntes no decorrer de sua epistemologia.

Friedrich Ratzel, em seu livro *Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História*, publicado em 1882, considerava o determinismo, defendendo o objeto da Geografia como sendo “o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade”, para ele, para que pudesse existir uma determinada sociedade, era necessário que a natureza gerasse condições de trabalho e vida. Em acordo com essa linha de pensamento, Ganimi (*apud* MONSTEQUIEU, 1985, p. 40) afirma que:

Há na Europa uma espécie de equilíbrio entre as nações do Sul e as do Norte. As primeiras possuem toda espécie de comodidades para vida e poucas necessidades; as segundas têm muitas necessidades e poucas comodidades para a vida. A umas, a natureza deu muito e a elas só lhes pede pouco; a outras, a natureza deu pouco e a elas lhes pede muito. O equilíbrio se mantém pela preguiça que deu às nações do sul e pela indústria e atividade que deu às do norte.

O conceito de território aqui é um fator preponderante, pois sua expansão significa o progresso da sociedade, ao passo de que sua redução ou perda seria um condicionante da decadência social ali inserida, em outras palavras, eles partem do pressuposto que o homem é produto do meio. Esse era o tipo de Geografia concebida na Europa durante o século XIX. Na França, após sua derrota na Guerra Franco-Prussiana em 1870-1871, fez-se necessário repensar o espaço geográfico e a Geografia passa a ser introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico na reforma efetivada na Terceira República.

Sob forte influência de Vidal de La Blache e seus seguidores, essa Geografia Tradicional, como ficou conhecida, se firmava, como já dito anteriormente, na descrição das observações realizadas, de modo que não exigia uma reflexão, apenas a transcrição didática dos conteúdos. Tais princípios foram trazidos ao Brasil e reproduzidos primeiramente nas Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro e posteriormente em outras universidades do país (PONTUSCHKA, 2009, p.44).

Esse tipo de saber geográfico, o tradicional, ficou arraigado por muitos anos no Brasil, uma Geografia escrita por não geógrafos, mnemônica, estabelecida pela nomenclatura de rios, países, cidades, clima, vegetação, para citar alguns exemplos, que tinha como principais aliados apenas à memória e o livro didático para cumprir sua função.

Porém, na década de 50, os métodos tradicionais de trabalhar a Geografia foram palco de grandes questionamentos, com a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), os paradigmas estabelecidos para essa ciência passaram a se tornar obsoletos, agora seria de fundamental importância, uma reestruturação da ciência geográfica, principalmente ao que se refere à Geografia Escolar.

Nessa época ainda não existiam as licenciaturas em Geografia, e as aulas eram ministradas principalmente por advogados e médicos ou ainda, por pessoas que apenas haviam concluído o que conhecemos atualmente como ensino médio, além disso, os livros didáticos produzidos para a disciplina eram feitos por não geógrafos, entretanto, estes deram grande contribuição em seus escritos. Com a revolução industrial e com a exigência da mão-de-obra qualificada, foram criadas escolas no período noturno, para alfabetização de um público que trabalhava exaustivamente diversas horas por dia. Essas pessoas muitas vezes migravam do campo para a cidade na esperança de melhorias na qualidade de vida.

O espaço geográfico tornou-se alvo de estudos, pois com o novo cenário nacional, os processos de urbanização e industrialização impulsionaram a economia brasileira. Para Pontuschka (2009, p.51), “a urbanização acentuou-se e formaram-se áreas metropolitanas. O quadro agrário sofreu modificações em várias partes do Brasil, em decorrência da industrialização e da mecanização das atividades agrícolas”. A expansão dessas áreas permitiu a inclusão de novas metodologias para compreensão desse espaço, permitindo que a Geografia se tornasse algo fundamental, com o auxílio de técnicas de Geoprocessamento.

Levar o aluno a compreender as transformações espaciais e observar as relações sociais que existem, são desafios que o professor de Geografia precisa enfrentar na sala de aula. Ao analisarmos os caminhos percorridos pela Geografia e sua importância para situações

diversas, entendemos que as experiências vividas dentro do contexto escolar estabelecem as práticas pedagógicas e permitem o desenvolvimento de reflexões sobre os saberes docentes adquiridos durante a aula, embasando principalmente, a formação docente, pois esta, sem a prática, seria inválida. De acordo com Freire (2004, p.23) “quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se ao ser formado”, assim, na medida em que atuamos, construímos conhecimentos na mesma medida em que eles também nos constroem, pela mútua relação professor-aluno, aluno-professor.

1.3 - Políticas de Formação Docente no Brasil

A era industrial brasileira que se iniciou nos anos de 1930 propiciou o surgimento da Constituição, que por sua vez, reconheceu que as escolas seriam um grande meio de manipulação das massas e de adequar os trabalhadores ao campo de trabalho. Ordem e progresso era o lema da época, estampado na bandeira brasileira e decretado na esfera social, consequentemente dando origem ao Plano Nacional de Educação, o PNE. Macêdo (2014, p. 199), enfatiza da seguinte maneira:

Com tais reformas, graças à promulgação do Decreto n. 19.850, de 11 de abril de 1931, Francisco Campos institui o Conselho Nacional de Educação (CNE). Logo a seguir, com o advento da citada constituição de 1934, Campos elabora um Plano Nacional de Educação, PNE. É o auge da Escola Nova, que revoluciona as formas de concepção de educação brasileira.

Em meados dos anos 30, o regime ditatorial de Vargas, propõe uma nova constituição que, ainda de acordo com Macêdo (2014), torna excludente “a vinculação de recursos constitucionais para educação e define como competência da União ‘fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando diretrizes a que deve obedecer à formação física, intelectual e moral da infância e da juventude”. Entre tantos debates a respeito da educação, foram criados programas como o Serviço Nacional do Comércio (SENAC), o Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial (SENAI), com a finalidade de embasar a educação profissionalizante em vigor.

Em detrimento disso, foram criadas as Escolas Industriais e Técnicas, posteriormente transformadas em Escolas Técnicas Federais, compreendendo diversas ramificações. Com o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek, de transformar seu governo de cinquenta anos em cinco, tais mudanças ainda tiveram o seu lado positivo, pois refletiram no setor

educacional, que foi contemplado por investimentos financeiros para cumprimento dessas metas estabelecidas.

A década de 1970 foi marcada por muitas mudanças educacionais, Pontuschka, (2009, p.59) aponta para as medidas legais tomadas pelo Conselho Federal de Educação, que em plena ditadura militar, implanta a Lei 5.692/71, que extingue do currículo estabelecido para a educação básica, as disciplinas de História e Geografia, substituindo pelos Estudos Sociais. Segundo a autora citada, esse marco da Lei foi imposto de forma autoritária, tendo como intenção, transformar a Geografia e a História em disciplinas sem importância.

Do que se tratava essa nova disciplina? Conti (1976) chegou a afirmar que os Estudos Sociais traziam um conteúdo difuso e mal determinado, que não possuía uma área de estudo, muito menos uma disciplina escolar, pois ora aparecia como sinônimo de Geografia humana, ora usurpava o lugar das Ciências Sociais ou da História ou pretendia impor-se como uma espécie de aglutinação de todas as ciências humanas, não havia um conceito definido do que seria essa nova disciplina. Para as ministrações das aulas de Estudos Sociais, foram criadas licenciaturas curtas, isso foi alvo de críticas dos geógrafos brasileiros, principalmente pela existência da dicotomia entre Geografia e História.

Por esse motivo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Professores Universitários de História (Anpuh), partiram para o embate com o intuito da derrocada dos Estudos Sociais. Toda essa mobilização trouxe consigo mudanças favoráveis, inclusive no que se refere aos docentes que haviam se formado anteriormente e não possuíam mais nenhum tipo de vínculo com a universidade, fazendo com que estes voltassem ao campus.

Durante esse período, podemos dizer que a Geografia teve seu apogeu. Entre as décadas de 80 e 90, foram organizados cursos para a formação docente, dando um novo direcionamento à Geografia escolar. Os livros didáticos passaram a ser confeccionados por professores universitários e a AGB incentivou a pesquisa e a publicação de artigos direcionados aos conteúdos escolares que partissem do cotidiano dos alunos, o que caracteriza a Geografia Moderna (PONTUSCHKA, 2009, p. 68). As modificações ocorridas no século XX trouxeram um aparato de soluções. Vesentini (1996) apud Roos e Lindino acerca dessa nova formatação geográfica, enfatiza a seguir que:

O ensino da geografia no século XXI, portanto, deve ensinar, ou melhor, deve deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para as escalas local e nacional, deve enfatizar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza (sem embaralhar uma dinâmica

na outra), deve realizar constantemente estudos do meio (para que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico ou “livresco” e sim real, ligado à vida cotidiana das pessoas) e deve levar os educadores a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. E por esse caminho, e somente por ele, que a geografia escolar vai sobrevivendo e até mesmo ganhando novos espaços nos melhores sistemas educacionais (VESENTINI 1993, p. 219).

Para ele, esse tipo de metodologia traz consigo melhorias no processo de ensino e aprendizagem, pois liga o educando ao conteúdo, por meio de situações práticas do seu dia a dia, o que desperta o interesse para determinados assuntos abordados, de forma que as aulas se tornam atraentes, resultando na participação ativa desse educando, assim sendo, um aprendizado compartilhado entre educando e educador, que proporciona reflexões e discussões acerca dos conteúdos abordados durante a aula.

A criação da Lei de Diretrizes para a Educação, primeira LDB, Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, reformou o Ensino Primário, Médio e Superior, procurando adaptar o ensino ao novo quadro político onde o Brasil se encontrava. A Geografia Escolar nesse contexto positivista, era pautada em aulas robóticas, totalmente descontextualizadas da realidade, com professores autoritários e alunos amedrontados, preocupados em decorar nomenclaturas e em ficar quietos, apenas recebendo o saber que vinha de seus mestres. Straforini (2004, p 57), sobre a escola tradicional, aborda o seguinte:

O objetivo da escola tradicional é a transmissão de conhecimento, ou seja, uma preocupação conteudista. Dessa forma, o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos significativos da cultura da humanidade previamente selecionados e transmitidos pelo professor em aulas expositivas. O mundo é uma externalidade ao aluno, ou seja, não é dado a ele a possibilidade de sua inserção no processo histórico [...].

Em outras palavras, é inexistente, nessa conjuntura educacional, a possibilidade do aluno ser sujeito atuante, contribuinte no processo de ensino e aprendizagem, este (o aluno), é meramente um receptáculo, onde o conhecimento é depositado com o desígnio de cumprir uma carga horária e/ou o que está proposto no currículo escolar. Esse paradigma implantado pelo governo desde meados do século passado se perpetuou nas escolas durante muito tempo, deixando suas raízes até os dias de hoje.

A Lei 5.692/71 atendia meramente aos objetivos militares, dividia a educação em ciclos de 1º e 2º graus, com a finalidade de tirar o país do “atraso”, pois era grande a quantidade de adultos analfabetos, e tinha caráter de alienação, pelo fato de provocar na

sociedade a sensação de que o aprender não era natural do ser humano e que pra isso, numa visão robótica, teriam que existir perguntas respostas de acordo com os objetivos que a máquina estatal considerasse oportunas.

Conforme Aranha (2006, p.319), “a reforma não só foi um fracasso como provocou prejuízos inestimáveis” nas camadas sociais menos abastadas, conseqüentemente pela falta de investimento nas escolas públicas que não tinham qualidade de ensino, ou recursos e materiais escolares suficientes, ou qualquer tipo de qualificação dos profissionais da área da educação, para que houvesse um pensamento libertador do sistema repressivo, além disso, havia a exclusão social (e por que não dizer educacional?) por parte da elite que gozava de conhecimentos suficientes, em redes de ensino privadas, para ingressar em sua carreira profissional.

Durante o processo de reestruturação do capital, da economia, da política e da sociedade, ocorreram várias mudanças no que se refere à educação e as práticas de ensino. Era um novo sistema que estava se instalando, e com ele, a necessidade de mudança. Entre essas mudanças podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que foram implantados com a finalidade de promover a ideologia da reforma curricular que se organizava nos anos de 1990.

Os anos 90 também foram marcados com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB 9394/96), nos moldes da ideologia neoliberal, que dividiu a educação em dois níveis, o básico, constituído em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e médio; e o superior. Como proposta, foram criados programas de governo como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, o FUNDEF, posteriormente substituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), além do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Programa Universidade Para Todos (PROUNI) para dar acesso ao ensino superior, favorecendo a democratização do ensino, todavia, somente aprovada e sancionada, de acordo com o interesse elitista nacional e como sempre, cada projeto de lei estabelecido para as demandas de cada época ou governo.

Entende-se que a escola possui um papel importante na vida de professores, alunos e da sociedade. Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 26 de 1948, toda pessoa tem direito à educação independente de cor, gênero, condição econômica. Esse direito começa com o nascimento e termina com a morte. É importante a consciência desse direito e que o indivíduo seja incentivado para o estudo, sobretudo, por que a escola, muito

embora tratada como meio de manipulação, tem o poder de transformar vidas, principalmente aquelas que estão à mercê da pobreza e que lutam contra o sistema capitalista vigente. Nesse Mandela (2016) afirma que “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Embora não seja considerada prioridade em nosso país, os programas que apoiam a educação possuem ações que possibilitam estratégias desenvolvidas especificamente para as necessidades básicas da comunidade escolar, muito embora seja conveniente estabelecer diretrizes que possibilitem a práxis pedagógica eficiente e eficaz. Esses programas procuram sanar o déficit educacional e reduzir o número de analfabetos, porém, é necessário destacar que é possível nos depararmos com pessoas que deixaram de ir à escola por algum motivo, o que nos leva a refletir acerca da razão pela qual a escola não tem a função de ir à procura dos alunos lá fora.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência nasce mediante as muitas reformas educacionais, surgindo como mediador entre as escolas da rede pública de ensino e as universidades federais e envolve três grupos de sujeitos, os professores da escola pública, os professores da universidade e os licenciandos, buscando aprimorar a qualidade da formação inicial e contribuir para as práticas de ensino das escolas conveniadas, estabelecendo uma rotatividade, já que possivelmente o aluno da educação básica seja futuramente aluno da educação superior e posteriormente este retorne a educação básica como futuro professor, trazendo novas metodologias e aplicando em suas aulas de forma diferenciada.

2 – O PIBID E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Neste capítulo iremos abordar a respeito do PIBID, sua contribuição para a práxis docente, bem como as leis que vigoram para que este seja executado de forma favorável na formação de professores, com os saberes adquiridos mediante os conhecimentos agregados a experiências e oportunidades oferecidas aos alunos de Iniciação à Docências inerentes à profissão docente, antecipando vivências que somente seriam possíveis depois da graduação, na atuação efetiva enquanto professores. As reflexões feitas a seguir trazem consigo os fundamentos necessários para a compreensão sobre o estágio supervisionado e sua importância para a formação inicial de professores.

2.1 – O PIBID na Formação de Professores

A formação dos professores ainda é considerada como uma das principais causas dos problemas da educação, mesmo diante das grandes mudanças ocorridas nos últimos anos. Existe uma diferença entre teoria e prática, entre a formação ideal e a formação real. Alguns profissionais, exaustos pelo tempo, comodismo ou pela desvalorização, se perdem neles mesmos, repetindo exemplos que não deveriam ser repetidos e a formação se esvai, deixando de lado o seu papel principal.

Dessa forma, faz-se oportuno repensar as práticas educacionais e rever as motivações que levam o professor a escolher essa profissão. Enquanto acadêmicos, na formação inicial que embora tenha seus entraves e dificuldades devido a grande carga teórica, estamos cheios de ânimo e ansiedade com relação a como será nossa atuação em sala de aula, porém com o passar do tempo, parece que as ideias esfriam, e ao invés de moldar, o professor se molda àquele transferidor de conteúdos. É nesse momento que deveria se aplicar a formação continuada e articular a IES e a Educação Básica, geralmente rompida com o fim do estágio supervisionado e/ou com a conclusão do curso.

Ao se deparar com a realidade da sala de aula, embora tenha domínio de conteúdos, o então professor se depara com a base didática. Esta por sua vez deficitária, devido o pouco tempo de prática em razão dos estágios, se confronta muitas vezes, com um profissional cheio de teorias, mas que não sabe como ensinar o que aprendeu; em outras palavras, há pouca articulação entre teoria e prática, pois na maioria das vezes, não se formam professores de Geografia, mas geógrafos.

Sabendo da importância do estágio supervisionado para a socialização e prática da teoria abordada nas IES, e que contribui para o aperfeiçoamento da profissão docente,

destacamos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Criado pelo então ministro da educação Fernando Haddad, no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nos termos do inciso II, do artigo 9º do Decreto nº 6.755, de 2009, passou a vigorar em 24 de julho de 2010, com a finalidade de melhorar o ensino das escolas públicas, principalmente daquelas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) está abaixo da média nacional, que equivale a 4,4, o PIBID veio como uma ponte, ligando os extremos que existem entre o Ensino Superior e a Educação Básica, proporcionando a formação continuada do profissional de magistério das escolas públicas, coordenadores e supervisores do PIBID, bem como o próprio nome diz, contribuir para a formação dos bolsistas de ID.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC) é a instituição responsável pelo programa e financia programas educacionais em conjunto com as Secretarias de Ciência e Tecnologia e as Secretarias de Educação dos Estados, objetivando o incentivo de uma política educacional que alargue a acessibilidade ao saber, além de promover novos horizontes para as dificuldades encontradas na educação brasileira. Conforme a Portaria Normativa n. 16, de 23 de dezembro de 2009, que rege o PIBID, decreta que esse programa tenha “por finalidade o fomento à iniciação à docência de estudantes das instituições federais de educação superior, aprimorando-lhes a qualidade da formação docente em curso presencial de licenciatura de graduação plena e contribuindo para a elevação do padrão de qualidade da educação básica”. Para fins deste Decreto, considera-se:

I – bolsista estudante de licenciatura: o aluno regularmente matriculado em curso de licenciatura que integra o projeto institucional da instituição de educação superior, com dedicação de carga horária mínima de trinta horas mensais ao PIBID;

II – coordenador institucional: o professor de instituição de educação superior responsável perante a CAPES por garantir e acompanhar o planejamento, a organização e a execução das atividades de iniciação à docência previstas no projeto de sua instituição, zelando por sua unidade e qualidade;

III – coordenador de área: o professor da instituição de educação superior responsável pelas seguintes atividades:

a) planejamento, organização e execução das atividades de iniciação à docência em sua área de atuação acadêmica; b)acompanhamento, orientação e avaliação dos bolsistas

estudantes de licenciatura, e; c) articulação e diálogo com as escolas públicas nas quais os bolsistas exerçam suas atividades;

IV – professor supervisor: o docente da escola de educação básica das redes públicas de ensino que integra o projeto institucional, responsável por acompanhar e supervisionar as atividades dos bolsistas de iniciação à docência, e;

V – projeto institucional: projeto a ser submetido à CAPES pela instituição de educação superior interessada em participar do PIBID, que contenha, no mínimo, os objetivos e metas a serem alcançados, as estratégias de desenvolvimento, os referenciais para seleção de participantes, acompanhamento e avaliação das atividades.

No ano de 2014, foi elaborado pelo professor Aldo Oliveira (quem em 2015 foi substituído pela professora Cecília Esmeraldo), a ementa que trouxe o PIBID para o Campus da UFCG de Cajazeiras, na disciplina de Geografia, tendo como alvo, a comunidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Estolano Meireles. Foram selecionados, por meio de uma prova dissertativa, quatorze bolsistas e posteriormente distribuídos em dois grupos de sete para cada escola. As professoras do subprojeto de Geografia, instituídas como supervisoras, foram Maria Alves Bezerra e Isabel Alice de Araújo, para o Colégio Estadual e Cecília Meireles respectivamente. Cada bolsista permaneceu no projeto o período de 24 meses, participando de encontros semanais ou quinzenais, ora na universidade, ora na escola. Conforme o Capítulo V, artigo 6º que trata das atribuições e deveres dos bolsistas:

I. Participar das atividades previstas no plano de trabalho proposto pelo professor coordenador de área;

II. Seguir as orientações do professor supervisor ao realizar as atividades do plano de trabalho;

III. Apresentar relatórios das atividades desenvolvidas, quando solicitado pelo professor coordenador de área;

IV. Manter o professor coordenador de área informado sobre situações e/ou condições que comprometam o andamento das atividades nas escolas da rede pública, onde serão realizadas as atividades do projeto;

V. Zelar pelo patrimônio e nome da Instituição;

VI. Cumprir as normas internas previstas no estatuto da instituição.

As escolas do município de Cajazeiras-PB que foram contempladas com o programa de bolsas foram, EEEFM Professor Crispim Coelho, EEEFM Cristiano Cartaxo, EEEF Dom

Moisés Coelho, EEEFM Professor Constantino Vieira, EMEF Cecília Estolano Meireles, EEEM Professor Joaquim Lacerda Leite – PROEMI, EEEF Desembargador Boto de Meneses, EEEF Cel. Joaquim Matos, Escola Manoel Mangueira e EEEF Sinhazinha Ramalho. (PIBID/CFP/UFCG, setembro de 2016).

Como se trata de um período de maior abrangência da prática pedagógica do que no período de estágio, os licenciandos tem a oportunidade de participar de reuniões com pais, corpo docente, gestores, política educacional, enfim, de conhecer como se organiza o corpo educacional, além de estarem colaborando com atividades escolares que permitem a troca de saberes, capacitando-os para além da sua formação inicial. A priori, a responsabilidade foi de conhecer as necessidades da escola e posteriormente, traçar ações que auxiliassem as professoras em suas aulas.

Tanto para a Escola Crispim Coelho, quanto para a Cecília Meireles, foram pensados temas transversais, vivenciados durante todo o tempo em que estivemos no projeto, propostos pela ementa elaborada para o PIBID de Geografia, Campus II. Iniciamos nossas atividades após uma minuciosa avaliação dos questionários aplicados com os alunos, onde pudemos traçar metas que pudessem ser satisfatórias e trouxessem informações necessárias para que os conteúdos fossem compreendidos com mais clareza. O livro didático não foi algo que dispensamos, pelo contrário, foi de suma importância nos guiarmos por ele, contextualizando nossas aulas, que poderiam ser inertes por meio da transposição didática, porém se tornaram extremamente dinâmicas e proveitosas, tanto e principalmente para nós, quanto para os alunos dos anos trabalhados da referida escola.

A formação docente precisa estar articulada entre teoria e prática onde o futuro professor deva refletir e ser pesquisador, fazendo do estágio o lugar de sua práxis docente. Sendo assim verificamos que o PIBID além de fazer com que os licenciandos desenvolvam suas práticas pedagógicas, incentiva a produção de trabalhos científicos mediante os resultados alcançados durante sua permanência no programa.

O Estágio Supervisionado insere-se no currículo acadêmico como uma prerrogativa para a formação do futuro educador, constituindo-se o momento em que a teoria é fundida com a prática, descortinando as realidades envolvidas, bem como oportunizando a reflexão sobre os referenciais teóricos. Sabemos que o professor é o mediador entre o aluno e o conteúdo a ser ensinado-aprendido, considerando que há uma distância entre o desejo de aprender e o conhecimento a ser adquirido. Para a compreensão desses aprendizados/conhecimentos, o aluno-estagiário necessita desenvolver competências que o

auxiliem na atividade docente em sala de aula, o que demanda a experiência a ser vivenciada junto aos educandos escolares. Como explica Passini (2011, p. 29):

O estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor. É o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional.

Portanto, a realização do estágio remete ao aprofundamento e à prática dos conhecimentos construídos na Academia, pois condiciona a união entre a teoria à prática, favorecendo uma melhor conceitualização sobre o futuro campo da atividade educacional, contribuindo para o aprimoramento na formação docente. Nesse sentido, Pimenta e Lima (2004) nos afirma que “o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”, o que favorece ao aluno-estagiário um espaço privilegiado para vivenciar experiências pedagógicas, proporcionando-lhe a formação docente.

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9393/96) Artigo 43, capítulo IV, elaborada para o Ensino Superior, as universidades devem executar os seguintes objetivos:

I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (BACCON, et al).

Desse modo, a Educação Superior tem como finalidade, preparar o futuro professor, desenvolvendo suas competências e habilidades, para que isto sirva de subsídio em situações práticas do seu cotidiano. Como recurso para este fim, a LDB criou o Estágio Supervisionado, que em seu artigo 65 discorre da seguinte maneira:

A Nova Cartilha Esclarecedora orienta sobre a Lei do Estágio: Lei 11.788/2008 (BRASIL, 2009) ao discorrer sobre a definição, classificação e relações de estágio, destaca no Art. 1º que o Estágio é o "ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de estudantes" (2008, p. 07). Além

disso, no § 1º ressalta que o estágio integra o itinerário formativo do estudante e faz parte do projeto pedagógico do curso. Em seguida, no § 2º, ainda do Art. 1º, enfatiza que o estágio visa ao "aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho" (2008, p. 07). Destaca também no § 1º do Art. 3º que o estágio deve ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e pelo supervisor da parte concedente (BACCON, et al.).

Fato que coloca a escola como um lugar de fundamental importância para a formação do futuro professor. Outro ponto a ser destacado refere-se ao acompanhamento do professor orientador com o estagiário, tendo em vista que segundo destaca o § 1º do Artigo 3º, o professor deve estar em sala de aula, acompanhando o professor em formação, o que muitas vezes não ocorre, pois costuma-se levar em consideração o tempo de estágio como um tipo de folga, deixando em muitos casos, a regência de sua aula por conta do aluno-estagiário. O que acontece nesse exemplo, é que se por um lado o aluno-estagiário fica a vontade, ministrando a seu bel prazer, por outro, não ocorre a sua avaliação como futuro profissional, por parte daquele que já tem experiência no campo de trabalho.

É fundamental saber que o estágio é o mediador entre teoria e prática, uma vez que não existe estágio sem que haja esse processo. As palavras de Pimenta e Lima (2012, p.45) embasam a discussão afirmando que o estágio "ao contrário do que se propugnava, não é a atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade". Atribui-se ao estágio supervisionado, a responsabilidade da formação do futuro professor. Destarte podemos afirmar que este é o fator primordial dos cursos de licenciatura. Nessa perspectiva, a escola pública tem o papel de dar condições ao aluno-estagiário atuar, no período de vigência, permitindo que este seja capaz de desenvolver habilidades e competências para a docência. Nessa expectativa Pimenta e Lima (2012, p. 100) conclui que:

Assim, numa perspectiva de ritual de passagem, esperamos que essa caminhada pelas atividades de estágio se constitua em possibilidade de reafirmação da escolha por essa profissão e de crescimento, a fim de que, ao seu término, os alunos possam dizer "abram alas para a minha bandeira, porque está chegando a minha hora de ser professor".

O ser professor precisa ser algo prazeroso, inspirado pela afinidade e amor pela profissão, pois ele é o agente que tem a capacidade de provocar mudanças na sociedade, e pesa sobre ele, a responsabilidade de que haja o conhecimento prévio do que vai ser

ministrado em sala de aula. No estágio ou fora dele, o domínio de conteúdos e a didática do professor trazem consigo fundamentos para que ocorram tais mudanças.

No Brasil, a educação embora tenha sofrido transformações, ainda sofre considerável descaso em relação a qualidade e extensão a todos como um direito humano. Ser professor, principalmente da educação básica, é algo desafiador devido à desvalorização da profissão. Baixos salários e falta de investimento, por exemplo, são alguns dos fatores que corroboram para que essa profissão seja pouco atrativa e a cada dia mais desinteressante.

É perceptível dentro da própria IES, onde as turmas de licenciatura costumam iniciar-se com um número considerável de alunos, porém, ao seu término, esse número torna-se bem afunilado, principalmente para os casos de alunos que ainda não atuam em sala de aula. Tivemos exemplos de pessoas que desistiram da formação no último período da graduação, porque descobriram que não se identificavam com a profissão de professor. Pimenta e Lima (2012, p.102), enfatizam sobre a importância do estágio afirmando que:

O estágio supervisionado para os alunos que ainda não exercem o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas.

É nesse confronto com a realidade onde acontece a apropriação da regência e a proximidade com o cotidiano escolar em sua formação inicial. Ali, ele irá se deparar com professores indignados, desmotivados na maioria das vezes, com alunos desinteressados, indisciplinados, fato que pode ocasionar desinteresse pela profissão. Mas também, é nesse mesmo cenário, onde o futuro professor poderá aprimorar os recursos disponíveis, como no caso do livro didático, e transformá-los em alibis, de forma que o reflexo desse esforço seja um aprendizado significativo. Nessa perspectiva precisamos entender que:

Escola é lugar de aprender. E de ensinar. É também lugar de tomar merenda, de jogar futebol, de fazer fila, de ficar triste ou se alegrar. As crianças escrevem, somam ou subtraem, copiam, perguntam. Elas brigam, choram, se machucam. Fazem grandes amigos. O professor explica a lição, lê histórias, pega na mão da criança que começa a escrever. Ele também grita, fica bravo, perde a calma. Tem que fazer chamada, corrigir prova, preparar aula, preencher papelada. As crianças às vezes têm fome, às vezes estão doentes, às vezes estão saudáveis e felizes. De onde elas vêm? Do bairro ao lado, da favela ali em cima, do outro lado da avenida, do sítio a alguns quilômetros. Falta lápis e, por vezes, até o sapato. Trinta (ou quarenta?) em cada sala. Lousa nova, lousa gasta. Carteiras meio quebradas. O diretor se preocupa com a reforma do prédio, orienta e fiscaliza os professores, tem um monte de

papel para assinar, é homenageado na formatura. Na escola tem mais gente: merendeira, servente, secretário, inspetor... O salário está baixo. A vida está dura. Mas escola é lugar de ensinar e de aprender (FONTANA; CRUZ, 1997, p.3).

Sabendo que o conhecimento é construído ao passo que se aprende ensinando, ousamos dizer que o professor é uma das peças fundamentais nesse processo, assim como um maestro em uma orquestra. No momento em que o estagiário sai da fase de observação e assume a regência, tem a oportunidade de marcar sua estadia na escola com o olhar crítico, com estratégia, com empatia, à medida que os conhecimentos adquiridos na universidade estão ainda em evidência.

2.2 – O PIBID no Centro de Formação de Professores

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID dispõe de bolsas para estudantes de licenciatura, juntamente da orientação de professores universitários e supervisão de professores da Rede Básica de Ensino, realizando projetos nas escolas conveniadas, tentando minimizar o distanciamento que há entre Educação Superior e Educação Básica, de forma que ocorra uma melhoria na qualidade do ensino e à formação inicial de professores, uma vez que ao participarem de experiências diversas, tenham reflexões a respeito da dicotomia que exaustivamente abordamos no presente trabalho, que existe entre ensinar e aprender.

Para a formação da primeira turma do subprojeto de Geografia foi feita uma seleção, por meio de uma prova, onde foi escolhido quatorze alunos do curso de licenciatura que passariam a fazer parte de duas escolas, sendo elas: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, lograda à Avenida Pedro Moreno Gondim, S/N, conhecida como Colégio Estadual e a Escola Cecília Estolano Meireles, conhecida por Escola Cecília Meireles, localizada na rua Raimundo Leite Rolim Sobrinho, S/N, ambas situadas no município de Cajazeiras, mesorregião do Sertão da Paraíba.

Deste modo, o PIBID visa contribuir para a prática de metodologias inovadoras na escola. O PIBID também contribui para a formação do aluno de licenciatura, pois, o pibidiano, aprende de maneira mais aprofundada, tendo a oportunidade de atuar diretamente no seu futuro campo de trabalho, em um tempo bem maior do que o do estágio oferecido na academia, tendo o privilégio de entender como funciona e se estrutura a comunidade escolar. Santos et al. (2014, p. 182) refere-se ao programa da seguinte maneira:

O PIBID é um programa que permite o bolsista a vivenciar o ambiente escolar antes mesmo de se tornar professor fazendo a conexão entre teoria e prática, a encarar os desafios dos processos de ensino e aprendizagem e a criar estratégias que visem à melhoria do ensino nas escolas públicas. Também lhe ajuda a decidir se você se identifica com a área docente.

Para que pudéssemos desempenhar nosso papel na elaboração de algumas ações pensadas para a turma do 8º e 9º ano B fundamental da Escola Crispim Coelho, durante os anos de 2015 e 2016, fizemos uso de uma ferramenta indispensável: o planejamento. Nossa atuação inicial buscou atender as observações feitas na instituição de ensino, por meio dos questionários com os discentes, comunidade escolar, professores e coordenação pedagógica. Após a aplicação e análise dos questionários, foi possível pensar e organizar o desenvolvimento de ações didático-pedagógicas, ao passo que percebemos que a utilização de temas transversais e transdisciplinares viessem a integrar assuntos diversos à disciplina em questão: a Geografia. Santos; Santos e Chiquieri (2009, p.96 *apud* SILVA 2015, p.870) destacam que:

A abordagem transdisciplinar significa ressurreição do indivíduo e da esperança. Abre perspectivas para uma nova maneira de olhar, ensinar e pesquisar, exigindo mudança de percepção, uma reforma conceitual. Um pensamento que, ao mesmo tempo, constrói certezas, considera incertezas, pois a vida não oferece nenhuma garantia.

Desse modo, entendemos como prioridade, fazer a conexão dos conteúdos, onde professores de áreas de conhecimento diferentes, podem se aprofundar num mesmo tema, articulando esses temas, trazendo para a realidade da escola, de forma unificada dentro da sua aula, instigando questionamentos, levantando opiniões, com a finalidade de enriquecer e transformar a aula em uma troca de aprendizado.

A identificação com o exercício da profissão comprova na prática a eficácia do programa, pois infelizmente os saberes acumulados na graduação não são suficientes para que o futuro professor esteja preparado para a realidade docente. França-Carvalho e Rufino (2014, p.25) dão ênfase ao PIBID enquanto formador de alunos ID, quando afirmam que “as atividades do programa institucional estão fortemente associadas a melhor qualidade de ensino com qualificação profissional dos bolsistas, ou seja, um docente comprometido e bem preparado pode contribuir significativamente com a educação básica”, essas atividades auxiliam ao futuro professor a construir sua identidade profissional.

Fica evidente a importância do PIBID para a iniciação docente, visto que ainda existe uma lacuna quanto à grade curricular das licenciaturas, principalmente nos períodos de prática de ensino, que foge ao percurso e impede que o exercício da profissão seja satisfatório, o que impossibilita uma melhor compreensão da realidade da prática docente. Silva (2012, p.2-3 *apud* NASCIMENTO et al.) acentuam que:

o programa foi implantado para contribuir com a qualidade da formação inicial dos acadêmicos, incentivando e valorizando o magistério, contribuindo ainda com a melhoria do ensino das escolas da rede municipal que são contempladas com o programa. Dessa forma, busca construir competências profissionais docentes por meio da articulação entre Universidade e Escolas, em que seja possível troca de experiências entre professores e bolsistas em benefício do aprendizado dos discentes. Também valoriza o espaço público de ensino como ambiente construtor de capacidades e competências docentes (SILVA, et al, p. 2-3, 2012).

Dentro do PIBID é visível ao licenciando a oportunidade de refletir acerca do papel da escola e do seu próprio papel enquanto sujeito formador, como lidar com situações diversas e responder aos seus próprios anseios provocados por uma sociedade alienada que muitas vezes, para não dizer quase sempre, discrimina os professores e caracteriza essa profissão como uma das piores, entre tantas outras que existem.

É importante ressaltar que desde a formação inicial, é possível unir os saberes acadêmicos e os adquiridos durante o projeto, embasando as certezas e incertezas que possam existir em ser professor, em se ver professor. O ID em seu processo de identidade profissional tem a oportunidade de construir esses saberes na prática, elencando ferramentas, construindo autonomia e desenvolvendo metodologias que o auxiliem enquanto profissional, antes mesmo de estar atuando em uma escola após o término do curso. O PIBID nos proporcionou experiências diversas que foram de fundamental importância, entre elas, podemos citar a participação em eventos fora da nossa cidade e que foram financiados pela CAPES, a publicação de artigos científicos, trabalho em equipe, publicação de um livro, além do incentivo financeiro que era depositado em nossas contas mensalmente.

Embora existam reformas que favoreçam a educação e colaborem para a melhoria das práticas educacionais, é evidente de que quanto mais acreditamos ter existido um avanço, este ainda caminha a passos lentos, como é de fato procedido em todas as esferas onde haja o bem comum. A educação no Brasil tem como princípio interesses os governamentais. Os programas educacionais buscam favorecer e maquiagem a imagem de uma minoria que controla

nossa nação. A verdade é que aqui no nosso país, quanto mais se acredita, menos se faz pela educação.

O plano de formação como continua sendo elaborado, engessa a prática do professor corroendo a saúde educacional, pelo simples fato de não visualizar as vertentes que regem as necessidades de cada escola, mas apenas enxergar os interesses de uma pequena parcela, que nem ao menos sabe da necessidade de cada uma dessas instituições de ensino. Assim, tudo deve estar de acordo com os ditames do governo. Infelizmente. Sendo o currículo distante da realidade, torna-se incapaz de estabelecer uma conexão entre os conteúdos elencados no LD e as questões do cotidiano.

Estamos diante de uma educação manipuladora, que não forma cidadãos que pensam, questionam, mas que forma robôs que apenas obedecem aos comandos do sistema capitalista vigente, aprisionados dentro de suas próprias ideias, dos seus medos e que assim preferem estar por temerem enfrentar os que ditam, mandam, governam. Durante nossa passagem pelo PIBID vivenciamos as incertezas quanto ao futuro desse projeto. As ameaças do governo em extinguir o programa, deixaram enfraquecido algo que estava realmente funcionando na educação brasileira, em decorrência disso fomos às ruas massivamente até obtermos um resultado positivo.

As experiências que vivenciamos com a professora supervisora Maria Alves Bezerra em suas aulas nos proporcionaram uma visão mais abrangente do que significa ser professor, e professor de Geografia. Fomos capazes de compreender, mesmo diante dos inúmeros problemas que os educadores enfrentam diariamente, que os saberes são construídos por meio de relações cotidianas entre LD, alunos, professores, pais e todos os que fazem parte do contexto escolar, levando em consideração que cada um desses sujeitos, tem o poder de aprender e ensinar.

Uma das principais contribuições à nossa formação inicial foi a paixão pela profissão manifestada pelas inúmeras idas à escola, participando de situações de rebeldia de alunos, de professores tentando ministrar suas aulas, e mesmo percebendo que exista realmente essa desvalorização e conseqüentemente a falta de atrativos, entendemos que ensinar é algo que só exerce, quem é capaz de se doar, e esse exercício somente é feito por aqueles que amam a profissão. Além da formação inicial, destacamos a formação continuada do professor supervisor, envolvendo-o no planejamento e execução das ações, promovendo melhorias nos métodos de ensino, além de contribuir para o aprimoramento de suas práticas em sala de aula.

Embora o subprojeto de Geografia tenha tido seu início no ano de 2014, as ações começaram a se efetivar no início do ano letivo de 2015 em detrimento das reuniões que fizemos antes de irmos definitivamente para a sala de aula. Durante esse percurso, em 2014, fizemos leituras relacionadas ao PIBID e participamos de eventos que foram financiados pela CAPES, com a finalidade de termos afinidade e entender a dimensão do que realmente seria o PIBID, pois apesar de ser um programa de bolsas, deveríamos compreender que o que levaríamos de mais valioso e o que moveria nossa vida enquanto profissionais da educação seriam o aprendizado riquíssimo que o projeto nos proporcionou e as competências que somente foram conseguidas quando pudemos ser enquadrados dentro da escola. Segundo Perrenoud e Thurler, (2002, p 19):

O reconhecimento de uma competência não passa apenas pela identificação de situações a serem controladas, de problemas resolvidos, de decisões a serem tomadas, mas também pela explicitação dos saberes, das capacidades, dos esquemas de pensamentos e das orientações éticas necessárias. Atualmente, define-se uma competência como a aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio.

Assim, referente as transformações no contexto educacional, acreditamos que o educador deve se adaptar a esse leque de possibilidades de desenvolver o saber e o câmbio no aprendizado, pois não ficamos somente ligados ao LD de uma única disciplina, de conteúdos definidos e delimitados para cumprir uma carga horária, mas temos a liberdade de recorrer a vários outros assuntos e nos reinventar, fazer diferente. Foi isso que buscamos, sair do comodismo e aplicar metodologias diversas como filme, música, reciclagem, maquetes, recursos que estavam ao nosso alcance e que puderam ser trabalhados de forma lúdica.

3 – A IMPORTÂNCIA DO PIBID NAS AÇÕES DA ESCOLA CRISPIM COELHO

No capítulo a seguir discorreremos sobre a construção de ações para a Escola Crispim Coelho e a partir delas considerar a importância de elaborar, planejar e executar saberes diversos e inovadores, enxergados pela ótica da própria Escola, entendendo as suas necessidades e anseios. As atividades desenvolvidas pelo subprojeto de Geografia permitiram levar a um conhecimento descentralizado e assim, elevar o rendimento escolar, além de evidenciar que aulas onde existam outros meios onde os recursos didáticos são inseridos, possuem um teor muito mais elucidativo e facilitador. Podemos afirmar que a proposta para as ações realizadas no decorrer do desenvolvimento, trouxe consigo uma gama de conhecimentos mobilizando a articulação entre teoria e construção de práticas pedagógicas.

3.1 – As Ações Desenvolvidas pelo Subprojeto Geografia

Em 2014, elaboramos juntamente com a professora Maria Alves Bezerra, quatro ações trimestrais para o ano de 2015. Foram elas: “O uso de drogas e bebidas alcoólicas no contexto social”; “A seca no semiárido nordestino”; “O significado da geografia na formação do cidadão” e “Produção de novos materiais através da reciclagem: Uma ação para a preservação do meio ambiente escolar”. O objetivo da primeira ação executada foi de compreender a importância de se abordar a respeito das drogas lícitas e ilícitas na escola, refletir sobre a história de vida de ex-usuários de drogas e alertar sobre os problemas que as drogas causam aos usuários e a sociedade em que estão inseridos. Entre os conteúdos abordados nessa temática estavam o alcoolismo e seus efeitos, problemas sociais, os tipos de drogas e as consequências para o usuário e sua família.

Durante uma discussão em sala acerca do tema, conseguimos identificar que alguns alunos conviviam ou tinham algum tipo de contato com usuários, um deles chegou a descrever que seus pais já haviam tomado medidas drásticas com seu irmão dentro de casa, para que este não saísse para fazer uso de drogas ilícitas. Esse foi o primeiro passo. Em seguida, exibimos o vídeo “Carta de um jovem drogado”, que tem como enfoque o depoimento de um rapaz, que na adolescência se envolveu com as drogas, depois de ter conhecido um sujeito aparentemente normal, porém, que fazia uso dessas substâncias. Depois de tanto se drogar, o jovem foi parar em um hospital, e ao saber que não tinha mais chance de sobreviver, resolveu escrever uma carta ao seu pai, se arrependendo de tudo o que fez.

No desenvolvimento dessa ação, passamos a música “Drogas” da banda Cathedral, que faz algumas observações, principalmente no sentido de que os problemas não vão desaparecer se o indivíduo usar drogas, e que a consequência disso, certamente será o fim da vida dele mesmo. A utilização da música como recurso didático, possibilitou uma melhor compreensão do que foi abordado, por ter grande poder de envolver o indivíduo por meio da melodia e da letra. Esse recurso não tem nada de inovador, pois desde a antiguidade ele já era utilizado até mesmo em salas de aula, inclusive, até mesmo Pitágoras de Samos, filósofo da Grécia Antiga, ensinava por meio de acordes musicais, o que, de acordo com Bréscia (2003, p.31), “[...] demonstrou que a sequencia correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar os padrões de comportamento e acelerar o processo de cura”, contribuindo para um aprendizado significativo e dinâmico. O que falta por parte de muitos educadores, é resgatar, copiar e aprimorar os muitos recursos disponíveis e adaptá-los em suas aulas.

Imagem 01 - Exibição do filme Bicho de Sete Cabeças



Fonte: PIBID 2015.

Na terceira fase da ação contra as drogas usamos como recurso didático, um filme brasileiro intitulado “Bicho de Sete Cabeças”, do ano 2001. A trama de Laís Bodanzky relata a história de um filho que é internado sem nenhum diálogo, pelo seu pai em um manicômio, em razão de o seu genitor ter encontrado um cigarro de maconha junto dos pertences do filho logo após perceber mudanças no comportamento do rapaz. Em uma época em que a sociedade era extremamente preconceituosa e que ainda não sabia lidar com usuários, o jovem sofre com

maus tratos e desprezo dos funcionários da clínica. O enredo contribuiu para um melhor embasamento a respeito do tema e foi corroborado, no último momento, com uma palestra na escola, inclusive com alunos de outras turmas e professores de disciplinas diversas. Para tanto, contamos com a participação da psicóloga Tâmara Campos, que discursou sob uma visão clínica, e do ex-usuário Neilton Arruda, que relatou suas experiências do mundo das drogas e da criminalidade, fomentando o diálogo entre estudantes e palestrantes.

Imagem 02 - Palestra promovida pelos bolsistas do subprojeto de geografia



Fonte: PIBID 2015.

A segunda ação, A seca no semiárido nordestino, trouxe assuntos bastante conhecidos pelos alunos, pelo fato de todo residirem na cidade de Cajazeiras-PB e sítios vizinhos, regiões caracterizadas pelo clima semiárido. De acordo com a Cartilha do Semiárido (p.09), o termo “Clima Semiárido” é utilizado para delimitar áreas onde a quantidade de chuva que cai é menor que a quantidade de água que se evapora. Desse modo, a abordagem desse tema permitiu ao aluno, estudar acerca do clima, relevo e da vegetação da região do semiárido nordestino, local de vivência onde ele está inserido. Na ocasião, estávamos passando por um período crítico, onde o volume de água dos açudes estava no volume morto e as autoridades já estavam alertando a população sobre a possibilidade de o abastecimento ser feito por meio de carros pipa.

Nosso principal objetivo foi de promover a sensibilização pelo consumo inteligente de água. As aulas tiveram auxílio do Datashow e mais uma vez a música como recurso didático, nesse caso, foi trabalhada “Triste Partida”, de Patativa do Assaré, cantada por Luiz Gonzaga,

e no momento posterior, o documentário “Vidas Cheias”, produzido pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Para a finalização dessa ação, organizamos um estudo do meio com destino ao município de São José de Piranhas-PB, para conhecer as obras da Transposição do Rio São Francisco. Segundo Passini (2011, p.173) “o estudo do meio, diferentemente do estudo estático baseado em livro didático, provoca ainda um maior interesse por parte dos alunos em aprender, observando e fazendo leituras do espaço geográfico com sua dinâmica, diversidade e conflitos”. Ao final da aula, refletimos sobre a importância da transposição, enfatizando seus benefícios para as comunidades e cidades localizadas no trajeto dessa obra.

Imagens 03 a 11 - Aula de campo junto a construção do canal da obra da transposição



Fonte: PIBID 2015.

Na ação de tema “O significado da Geografia na formação do cidadão”, buscamos discorrer acerca do objeto de estudo da Geografia, por ser algo que, de acordo com as perguntas relacionadas a esse tema, respondidas no questionário, percebemos a dificuldade dos alunos em reconhecer as interações entre o meio e o homem. Com o auxílio do LD e Datashow, buscamos ilustrar espaços que sofreram intervenções humanas, relacionando com as intervenções feitas pelos próprios alunos em seus respectivos lugares. Cardoso e Silva (2013) a respeito do uso da maquete em sala de aula afirmam que:

A maquete é utilizada como um recurso didático para problematizar fenômenos sociais ou naturais, por meio da observação e explicação das transformações ocorridas no espaço representado. A linguagem apresentada na maquete permite ao aluno estudar situações específicas, propor hipóteses, e entender informações dispostas nas simbologias.

As maquetes permitiram representar os espaços pensados, na medida em que os alunos foram usando sua criatividade para a confecção destas. Para esse fim, dividimos a turma em dois grupos, onde um grupo ficou responsável pela construção de uma maquete que iria representar o espaço urbano e a outra, o rural. A ação culminou na apresentação da maquete construída por cada grupo.

Imagens 12 e 13 - Confecção das maquetes representando os Espaços Rural e Urbano



Fonte: PIBID 2015.

A quarta e última ação elaborada para o ano de 2015, teve a temática “Produção de novos materiais através da reciclagem: uma ação para a preservação do meio ambiente escolar”, visto que nas nossas primeiras idas à escola, observamos a presença de lixo em algumas salas de aula, além de julgamos conveniente destacar a importância da reciclagem e da conservação do meio ambiente. Como assunto central escolhemos o que é a reciclagem, que de acordo com Lomassoet al. (2015):

[...] a reciclagem é o processo no qual, resíduos de produtos que já foram consumidos e objetos que seriam descartados no meio ambiente, por serem

considerados inutilizáveis; são reinseridos no ciclo produtivo através da sua utilização como matéria-prima para a fabricação de novos produtos.

Ao final, oferecemos uma oficina de reciclagem, para tanto, contamos com a ajuda dos alunos, que trouxeram garrafas pet e revistas de casa. Por ocasião das festividades de natal e ano novo, transformamos, juntamente com os alunos, esse material em ornamentação para a escola, como pequenas árvores de natal para as mesas da diretoria e secretaria, feitas de revistas, um boneco de neve e uma árvore decorada, feitos de garrafas pet, para decorar o pátio da escola.

Imagens 14 e 15 - Materiais reciclados para ornamentação da escola.



Fonte: PIBID 2015.

Em 2016, seguimos os mesmo critérios e pensamos, a priori, somente uma ação, devido alguns dos membros da equipe estarem finalizando suas atividades enquanto bolsistas. A ação, com o tema: “Aedes Aegypti: problema meu e seu!” fez parte do primeiro trimestre do referido ano e em decorrência dos inúmeros casos de doenças relacionadas ao mosquito Aedes Aegypti no final ano de 2015 e início de 2016, achamos por bem, trabalharmos a esse tema envolvendo assuntos como Dengue, Chikungunya e Zika Vírus, além detambém enfatizarmos mais duas doenças, que de acordo com médicos e estudiosos, tem relação direta com o mosquito: a Síndrome de Guillain-Barré e microcefalia.

Imagem 16 - Apresentação de slides com imagens do mosquito *Aedes Aegypti*.

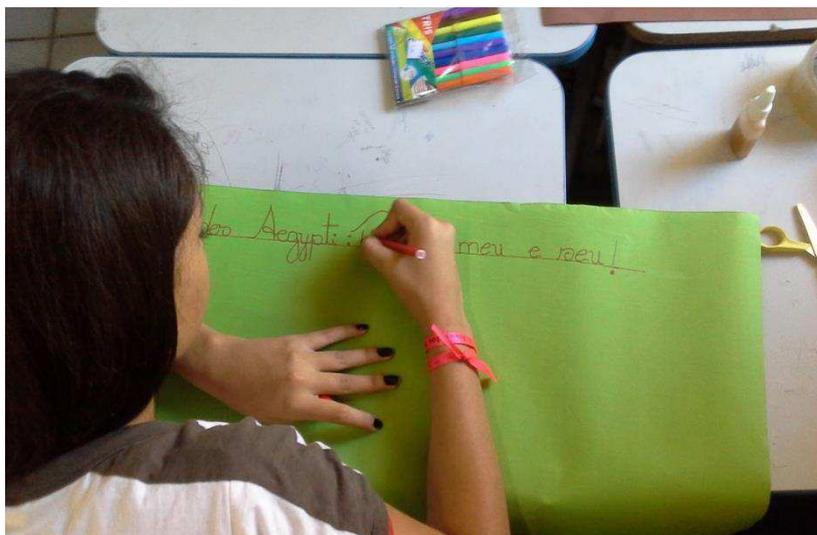


Fonte: PIBID 2016.

Após abordarmos cientificamente acerca do surgimento do mosquito, dos primeiros casos das doenças provocadas por ele e discorrermos a respeito da morte de uma moradora da cidade de Cajazeiras depois de ser acometida com a síndrome de Guillain-Barré e de casos de crianças que nasceram com microcefalia, percebemos que houve uma troca de saberes e o envolvimento maciço dos alunos com o tema.

Na continuidade, sugerimos a confecção de cartazes com frases ou desenhos que alertassem para as medidas preventivas das doenças relacionadas anteriormente. A turma foi novamente dividida em duas equipes, onde cada uma pôde usar da sua criatividade, fato que possibilitou um aprendizado proveitoso e dinâmico, uma vez que ao final da aula, foi perceptível o diálogo entre eles mesmos a respeito do tema.

Imagem 14 - Cartazes elaborados para a ação.



Fonte: PIBID 2016.

O planejamento das ações nos permitiu adquirir saberes necessários à prática docente, além de contribuir de forma positiva e significativa para o aprendizado em comum, não apenas dos alunos, mas dos bolsistas e da professora supervisora. Atribuímos ao PIBID muito do nosso aprendizado, principalmente no tocante a nossa inserção no contexto escolar e vislumbrar de toda a sua dinâmica, nos familiarizando com nosso futuro ambiente de trabalho. Exaltamos a relevância desse importante projeto para nossa formação inicial, por meio dele, aprendemos a pensar e agir como profissionais da educação, com experiências concretas, vividas a cada intervenção e enriquecidas com pesquisas científicas e trabalhos em equipe. Convém destacarmos que os resultados alcançados contribuíram para a melhoria no ensino de Geografia nas duas turmas, além de possibilitar o acesso, o avanço e convicções por parte dos bolsistas inseridos no projeto.

3.2 - Contribuições do PIBID para a Escola, para a Formação Discente e para o Supervisor

Após o período de reuniões e leituras nas dependências do Campus II da Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, chegou o momento de atuação do subprojeto de Geografia na Escola Crispim Coelho, esse momento foi o marcado pelo acolhimento por parte dos funcionários, que passaram a nos tratar como se fizessemos parte efetivamente da escola. A professora Bernadete, como é conhecida na escola, nos apresentou todos os departamentos e as turmas que passaríamos a colaborar, nos acompanhando em todos os momentos e contribuindo com as práticas de ensino e aprendizagem. Em uma de nossas visitas à Escola

Crispim Coelho, apresentamos o PIBID para o corpo docente e gestores para que conhecessem a dinâmica do projeto e seus objetivos para aquela instituição.

Com base nos questionários aplicados em diversos sujeitos da comunidade escolar, pudemos desenvolver o trabalho refletindo acerca das questões que implicam diretamente no aprendizado dos alunos. A partir disso, diante das dificuldades encontradas nas respostas dadas, enumeramos as ações citadas anteriormente e através delas buscamos metodologias que nos auxiliassem nesse sentido e articular essas metodologias no cotidiano da Escola Crispim Coelho. O resultado disso foi a compreensão dos assuntos e a participação direta dos alunos da escola no programa. Alguns puderam assistir palestras na universidade, outros participaram na produção de materiais pedagógicos, rompendo com a barreira escola-escola, inserindo a escola na universidade e a universidade na escola.

Como grande parte dos professores que iniciam a carreira também tivemos dificuldades na hora da ministração da aula, porém, o choque com essa realidade foi menor, pelo fato de estarmos em equipe e também por sermos acompanhados pela professora Bernadete, que nos assistiu e orientou durante esse percurso. Diferente da realidade vivida por muitos professores, nossa atuação começou no decorrer do nosso ingresso na universidade, onde vivenciamos várias situações na prática da sala de aula. Estas foram fundamentais para alicerçar nossa profissão, cotidianos significativos quando consideramos que na formação inicial o domínio, seja ele de conteúdo, seja de sala de aula é algo de extrema responsabilidade do professor. A partir da nossa percepção, evidenciamos que essas situações qualificaram e forjaram nossas práticas pedagógicas.

Para o professor supervisor o PIBID oferece uma formação continuada, já que este participa das reuniões na universidade, juntamente com bolsistas e coordenadores, do planejamento e desenvolvimento das ações e também aprende com os discentes em formação, podendo dialogar constantemente com outras práticas educacionais e novos conhecimentos, além de ser estimulado à pesquisa com a publicação de artigos e participação em eventos financiados pela CAPES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências adquiridas no Subprojeto de Geografia (CFP/UFCG) nos permitiram o encontro com a realidade escolar, contribuindo para o nosso crescimento profissional e pessoal. Esse encontro nos possibilitou refletir sobre as práticas pedagógicas permanentes e o que podemos fazer de diferente durante nossa formação continuada. Compreendemos que cabe a nós, educadores, planejar nossos saberes e competências, sermos articulados e aliar as práticas teórico-metodológicas às experiências em sala de aula, já que para formar professores, é necessário o confronto que ocorre na prática, mediante ao campo de trabalho e que a teoria não oferece.

Temos observado que os métodos educacionais desenvolvidos com o passar dos anos têm avançando bastante, porém uma permanência que a educação não consegue se desfazer, é a falta de interesse em investimento por conta do Estado. Essa desvalorização da educação compromete tais avanços e a formação de profissionais capacitados torna-se um desafio gigantesco que as instituições de ensino têm enfrentado. Enquanto participávamos do PIBID compreendemos que ensinar é uma tarefa que merece atenção, respeito. Compreendemos que o amor pela profissão é o que nos move a cada dia em dar o nosso melhor. O PIBID nos propiciou adentrar numa realidade que muitos de nós não conhecíamos, falo especificamente por mim, pois a não ser durante o estágio supervisionado, nunca tive a oportunidade de estar ministrando aulas.

Quando soube pelo professor Aldo Oliveira que haveria a seleção, incentivada por ele resolvi me inscrever, mas não imaginava que ser professor seria algo tão desafiador. Ao adentrar no projeto e vivenciar situações diversas, pude reafirmar a opinião que tinha quando ingressei na academia: sim, quero ser professora! E por mais que os projetos articulados para a educação não sejam a favor dela, somos movidos pela necessidade de contagiar nossos alunos com um pensamento crítico, reflexivo e transformador.

Em 2016, para cortar gastos, o governo especulava a extinção do PIBID. A nova proposta trouxe uma reforma que comprometeria esse programa tão importante para a educação. Por esse motivo, fomos às ruas, professores e alunos unidos em um só grito: fica PIBID! Toda a mobilização em torno da permanência no programa fez com que o governo recuasse, entretanto algumas mudanças não deixaram de acontecer.

As experiências do PIBID (UFCG/CFP) elaboradas para o desenvolvimento do Subprojeto de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor

Crispim Coelho no município de Cajazeiras – Paraíba, nos permitiram participar efetivamente da interatividade que precisa existir entre escola-universidade, universidade-escola, sem que haja o escoamento nos cursos de licenciatura, em que é apenas feito durante os estágios, tornando a formação insuficiente. Com base nos questionários respondidos pelos alunos da referida escola, chegamos a conclusão que a geografia escolar permanece com o mesmo déficit, os alunos ainda sentem muita dificuldade em saber qual é o objeto de estudo dessa disciplina.

Nossa permanência no projeto nos fez vislumbrar o contexto escolar de uma forma mais ampla observamos que algumas metodologias utilizadas pela professora deram resultados positivos e outras precisavam ser modificadas, resultando no incentivo a pesquisa para a qualidade do ensino, mediante as inovações para a aprendizagem do aluno e nosso crescimento profissional. Consideramos, portanto, que o aprendizado não se resume a transposição didática, ele vai, além disso, envolver todo o processo de construção da identidade social e profissional dos sujeitos, sejam eles educadores ou educandos. O PIBID nos permitiu ver como acontece a articulação entre teoria-prática indispensável dentro do contexto formativo enquanto futuros professores. Nosso anseio junto a esse TCC é que venhamos a contribuir para o conhecimento do programa de bolsas, sobretudo ao que se refere ao subprojeto de Geografia atuante na Escola Crispim Coelho em Cajazeiras-PB.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia Econômica**. Atlas. São Paulo, 1998, p. 18.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**.3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO JUNIOR, Aloysio Marthins de. **O ensino de Geografia Econômica: dificuldades e alternativas**. Porto Alegre: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(73\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(73).pdf)>. Acesso em: 29/01/2017.

BACCON, Ana Lúcia Pereira. et al. **Políticas Públicas de Formação de Professores: a construção de saberes docente na formação inicial e continuada em serviço no contexto PIBID**. Eixo 2. Políticas de Educação básica e de Formação e Gestão Escolar.

BRASIL. **Lei n. 5.692/71 de 11 de agosto de 1971**. Brasília, Diário Oficial de 12/08/1971.

_____. **Decreto n. 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jan. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm>. Acesso em: 8 jan. 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional – LDB**. Ministério da Educação e Cultura. Centro de documentação do Congresso Nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. **Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, Diário Oficial, Ano CXXXIV, n. 248, de 23/12/96, p.27.833-27.841.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARDOSO, L. F. S. T.; SILVA, P. A. **A maquete como recurso didático para o ensino da geografia: uma proposta a partir da geografia histórica da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013.

CONTI, J. B. A reforma do ensino de 1971 e a situação da Geografia. In: **Boletim Paulista de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção São Paulo, nº 51. São Paulo, 1976.

DÍAZ, Omar Rolando Turra. **A atualidade do livro didático como recurso curricular. Linhas Críticas**. Brasília: vol. 17, nº. 34, p. 609-624, 2011. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/1935/193522070010.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2017.

FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. Introdução: o percurso da pesquisa. In: **Os exercícios no livro didático de Geografia no Brasil: mudanças e permanências (1880-1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FONTANA, R. A. C. e CRUZ, M. N. da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FRANÇA-CARVALHO, Antonia D. **O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID):** Instituinto uma nova epistemologia da prática profissional, diálogos sobre a formação de professores. 2014, p.25.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. Ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LAJOLO, M. **O livro didático: velho tema revisitado**. Em Aberto, Brasília: MEC, n.35, ano VI, jul./set. 1987.

LOMASSO, et al. **Benefícios e desafios na implementação da reciclagem: um estudo de caso no Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR)**. In: Revista Pensar Gestão e Administração, v. 3, n. 2, jan. 2015.

MACEDO, E. Base curricular comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação. E-curriculum, v. 12, n. 3, p. 1530-1555, dez. 2014.

MANDELA, N. **Lighting your way to a better future**. Planetarium. University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. 16 Dez 2016.

MARIN, Aldrin Martin Peres; SANTOS, Ana Paula Silva dos (Coor.). **O Semiárido brasileiro: riquezas, diversidade e saberes**. Coleção Semiárido, 1. Instituto nacional do Semiárido. Campina Grande: INSA/MCTI, 2013. 33p. Disponível em: <<http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2014/08/Cartilha-semi%C3%A1rido-final.pdf>>. Acesso em 17 mar de 2017.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. **Do espírito das leis**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

NASCIMENTO, Pollyanna Cristina Costa; ROCHA, Ely Jean Pereira; MACEDO, Marly. Apud SILVA, Francisco de Assis Santos; SILVA, Edna Maria Rodrigues; e GOMES, Valdiana Nunes. A contribuição do PIBID nas escolas municipal de Parnaíba. In: **Programa PIBID: parceria com escolas no processo ensino-aprendizagem do educando**. Unifor: CE, outubro 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010, p.53.

OVILE, Vinícius. **Reformas de ensino: Suas principais características e consequências**. 2014. Disponível em: <http://reformasdeensino.blogspot.com.br/2014/07/lei-569271-principais-caracteristicas-e_65.html>. Acesso em 15 set 2016.

PASSINI, Elza Yasukoet al (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2011, p.173.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather. **As Competências para ensinar no Século XXI - Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo. Cortez, 2012.

PIMENTA. Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4^a. ed. São Paulo. Cortez. 2005.

PINHEIRO, André Fialho Abrantes; SANTOS, Lara D'Assunção dos. **A Geografia de Paul Vidal De La Blache: Releituras da História do Pensamento Geográfico**. Revista Continentes (UFRRJ), ano 2, n.3, 2013. In: LACOSTE, Yves. A geografia — isso serve, antes de mais nada, para fazer a guerra. Campinas: Papirus (1988 [1976]).

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1^a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

PONTUSCHKA, NídiaNacib: O Livro Didático de Geografia. In PONTUSCHKA, N.;PRETI, Dino. **Livro didático e educação no contexto cultural brasileiro**. In: _ MARCO, Valéria de; et. al. Língua e literatura: o professor pede a palavra. São Paulo: CORTEZ, 1981, p. 53-58.

PRETI, Dino. **Livro didático e educação no contexto cultural brasileiro**. In: _ MARCO, Valéria de; et. al. Língua e literatura: o professor pede a palavra. São Paulo: CORTEZ, 1981, p. 53-58.

RIZZI, Ester Gammardella; GONZALEZ, Marina; XIMENES, Salomão Barros. **Direito humano à educação**. Disponível em: <<http://www.dhescbrasil.org.br/projetos/clientes/noar/noar/UserFiles/30/File/Publica%E7%F5es/Dh%20a%20Educa%E7%E3o%20-%20internet.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ROOS, Djeovani; Lindino, Terezinha Corrêa. **Espacializando reflexões sobre a geografia escolar**. In: Revista eletrônica da associação dos geógrafos brasileiros.- Seção Três Lagoas-MS.

SANTOS, Lindemberg Lima; FREIRE, Wilma Santos; LOPES, Francisco Eilton Sousa et al. O PIBID na construção da formação docente: A experiência no Ensino de Biologia na Escola de Ensino FauzerBucar, Floriano-PI. In: CARVALHO, Antonia Dalva França; RODRIGUES, Ana Maria da Silva; OLIVEIRA, Ana Lúcia Nunes Falcão de. **Práticas de Formação de Professores no Âmbito do PIBID**. Teresina: EDUFPI, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, A.; SANTOS, A. C. S.; CHIQUIERI, ANA MARIA CREPALDI. A dialógica de Edgar Morin e o Terceiro Incluído de BasarabNicolescu: uma nova maneira de olhar e

interarcom o mundo. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel. (Org.). Revista Estudos de Complexidade. São Paulo: Xamã Editora, 2009, v. 3, p. 96.

SOARES M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura.** Educação e Sociedade:dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160.

SOUZA, Deusa Maria de. Autoridade, autoria e livro didático. In: CORACINI, Maria José R. F. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático.** Campinas: Pontes, 1999. p. 27.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar geografia: **O desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

ANEXO

Anexo A – Diagnóstico Inicial

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID
SUBPROJETO: GEOGRAFIA - CAJAZEIRAS**

NOME DA ESCOLA _____

ENTREVISTADOR: _____

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: ___/___/2014

ROTEIRO PARA LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS E CULTURAIS DOS ALUNOS

1 – Elementos de identificação do entrevistado:

a) Sexo: Masculino () Feminino ()

b) Idade: _____

c) Com quem mora? _____

d) Onde nasceu? _____

e) Profissão do Pai: _____/Profissão da Mãe: _____

f) Endereço: _____

2 – Condições Socioeconômicas:

a) Qual o valor da renda das pessoas que moram com você:

- () Menos de 1 salário mínimo;
 () Entre 1 e 5 salários mínimos;
 () Entre 5 e 10 salários mínimos;
 () Mais de 10 salários mínimos;

3 – Moradia:

a) Qual cidade você mora? _____

b) Qual Bairro ou Sítio _____

3.1 Para os migrantes:

a) A quanto tempo mora na cidade? _____

b) Por que veio morar nessa cidade? _____

c) O que você não gosta na cidade, no bairro ou no distrito onde você mora? _____

d) Você conhece o centro da cidade onde você mora? O que você acha dele? _____

e) Como você se diverte? _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID
SUBPROJETO: GEOGRAFIA - CAJAZEIRAS

f) Marque com um X a (s) alternativa (s) abaixo que consta em seu bairro, distrito ou sítio:

1 - () Posto de saúde; 2 - () Hospital; 3 - () Delegacia; 4 - () Comércio; 5 - () Escola; 6 - () Transportes; 7 - () Cinema; 8 - () Biblioteca; 9 - () Energia; 10 - () Água; 11 - () Telefone; 12 - () Internet;

4 - Você está envolvido em algum projeto social? _____

a) Qual o nome do projeto? _____

b) Como você participa? _____

5 - A Escola:

a) Por que você escolheu esta escola para estudar?

b) Quais as qualidades e defeitos dessa escola?

c) Como é feito o trajeto de sua casa até a escola?

d) Você gosta de estudar? Por quê?

e) Você estuda fora da escola? Como?

f) Por que você estuda? Qual o objetivo ou sonho que você deseja realizar através dos estudos?

h) O que a geografia estuda?

i) Você gosta de Geografia? O que você gosta de estudar em geografia?

j) O que você não gosta de estudar em geografia?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID
SUBPROJETO: GEOGRAFIA - CAJAZEIRAS

k) O que você acha que a escola deveria oferecer para ser melhor?

l) Como é a sua relação com a professora de Geografia?

- (...) Ótima
- (...) Boa;
- (...) Regular;
- (...) Ruim;
- (...) Péssima;

m) Quais disciplinas você mais gosta de estudar? _____

n) Qual disciplina você menos gosta de estudar? _____

6 – Recursos Didáticos;

6.1 Quais recursos didáticos são utilizados nas aulas de Geografia?

- (...) Filmes;
- (...) Músicas;
- (...) Documentários;
- (...) Literatura;
- (...) Textos;
- (...) Livros;

6.2 Quais desses recursos você mais gosta? Por quê? _____

7 – Meio Ambiente;

a) Você considera sua escola limpa?

b) Como você contribui para a limpeza da escola?

8 – Conhecimentos Gerais;

a) O que você entende por homossexualidade? _____

b) Qual a sua opinião sobre o uso de drogas? _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID
SUBPROJETO: GEOGRAFIA - CAJAZEIRAS

c) Você conhece alguma droga? Qual? _____

d) O que você entende sobre Racismo? _____

e) Você já presenciou alguma cena de Racismo na Escola? Como foi? _____

f) Você já fez uso de bebidas alcoólicas? _____

g) Para você o que é ser um cidadão? _____

